

Algumas convergências de ideias entre Paulo Freire e Amílcar Cabral

Daniela Santos Furtado¹

Sirlane de Jesus Damasceno Ramos²

Fabírcia Alfaia Rodrigues³

Resumo: Este artigo é uma reflexão teórica sobre algumas convergências de ideias entre Cabral e Freire, dois educadores que com sua práxis contribuíram para a libertação das racionalidades que os colonizadores enraizaram nas mentes dos “ex-colonizados” (o povo africano). Dentre as convergências discutidas no texto estão: primeiro que Cabral e Freire são atores da práxis revolucionária, uma vez que ambos lutavam intransigentemente contra todas as formas de opressão em defesa da autoconscientização; segundo, que os mesmos são educadores da emancipação, da descolonização das mentes e corações e por isso defendem um educação emancipadora. Cabral e Freire foram educadores da libertação, e nesse educar, a maior convergência de todas é que não usavam apenas o conhecimento, a experiência, a práxis, a educação, a cultura como “armas” no processo de emancipação do homem; mas eram guiados pelo coração.

Palavras-chave: Paulo Freire e Cabral. Convergências. Educação emancipadora e integral.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de leituras debatidas na disciplina “Tópicos Especiais em Educação: Pensamento de Amílcar Cabral e de Paulo Freire em África”, componente curricular do programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA/CAMETÁ).

Com a disciplina fomos presenteados com a dádiva de conhecer mais profundamente o pensamento de Amílcar Cabral e Paulo Freire na África. E a cada momento em que íamos tendo contato com os textos, tivemos a privilégio de compreender de onde veio e como surgiu o pensamento de educação democrática e comprometida com a emancipação social defendida por Freire.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA. E-mail: dansantosfurtado@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA. E-mail: sirlanny.ramos@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA. E-mail: fabriciaalfaia@yahoo.com.br

A partir das leituras, tivemos certeza que nossa experiência de independência foi muito diferente daquela ocorrida na África, mas que, de certa forma, não deixa de ter semelhanças, pois, tanto no Brasil quanto na África, no processo de dominação sempre se fez presente a dualidade: colonizador x colonizados; opressor x oprimidos; explorador x explorados. Na verdade, a face mais cruel da dominação, da exploração, que se fez presente nos dois países foi a desumanização do ser humano.

Assim, neste artigo buscamos fazer uma reflexão sobre algumas convergências de ideias entre Freire e Cabral, ressaltando a influência da experiência na África na pedagogia freiriana.

2. FREIRE E CABRAL: ATORES DA PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA

Segundo Romão e Gadotti (2012, p. 09): “Freire e Cabral são atores da práxis”. Atores, não no sentido de representar e sim no de interpretar a realidade, de vivenciar e atuar (lutar) contra a opressão. Homens que faziam do pensamento crítico uma arma para libertação, ou seja, consideravam que “o conhecimento só pode ser legitimado, epistemologicamente, se tiver origem na prática e, politicamente, se se tornar instrumento de intervenções mais qualificadas (mais conscientes) na mesma prática” (ROMÃO; GADOTTI, 2012, p. 09).

Também, Freire e Cabral tinham a certeza de que a revolução é permanente, uma vez que a libertação definitiva só acontece quando o povo pós-colonial⁴ se liberta das racionalidades que os colonizadores enraizaram nas mentes dos “ex-colonizados”. Assim não bastava apenas a independência política e econômica das colônias, era necessário acabar com a leitura do mundo a partir dos olhos do opressor que Freire chama de leitura de mundo de 2º grau.

Dessa forma, ambos convergiram, conforme Romão e Gadotti (2012, p.13), “na luta intransigente contra todas as formas de opressão em defesa da autoconscientização, portanto da descolonização das mentes e da conquista da autonomia pelos (as) próprios (as) oprimidos (as)”.

Cabral foi intérprete das aspirações dos povos de Guiné e Cabo Verde e artesão da independência desses países com a criação do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo Verde), partido esse que proclamou a República de Guiné e reafirmou o direito do povo das Ilhas de Cabo Verde à autodeterminação e à independência. Isto é, de acordo com Varela (2011, p.13), ele foi o “arquiteto da Independência” e líder de uma

⁴ Povos após o processo de independência.

revolução armada e, na liderança dos movimentos pela independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau, não almejava apenas a proclamação da independência, mas, sobretudo a plena emancipação do homem, a libertação das forças produtivas, humanas e materiais da terra.

Cabral, então, reconhecia o contributo decisivo da “arma da teoria” para o sucesso das revoluções de libertação nacional, em que a ligação teoria-prática era constante na sua atuação como líder, aliando discurso esclarecido ao imperativo de levar à prática. Exortava cada combatente para “pensar para agir e agir para pensar” (CABRAL, 1975b, p.15 apud VARELA, 2011, p.04).

No Brasil, Paulo Freire foi o mais célebre educador, autor da Pedagogia do Oprimido. Para Freire, o objetivo maior da educação era conscientizar o aluno. Isso significava levar as parcelas desfavorecidas da sociedade a entenderem sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. Ele não foi líder de uma revolução armada como Cabral, mas foi defensor da educação revolucionária. Segundo Scoclugia (p.09):

Um dos alicerces indelévels da prática e da teoria de Paulo Freire é a valorização da democracia: liberal, social, socialista..., mas, sempre, democracia [...]. Paulo Freire nunca admitiu o totalitarismo presente dos socialismos (e comunismos) reais. A radicalidade democrática foi, sempre, uma das suas posições mais firmes e permanentes. Assim, se nos seus escritos a “humanização não se fará sem a destruição da sociedade de exploração e da dominação humana”, o itinerário da consecução de tal possibilidade é sempre democrático. Tal fato, entre outros, o torna atual e incluso nas discussões da crise dos paradigmas determinantes, nas quais “outras razões” pretendem recolocar a práxis humana no centro das decisões do mundo. Decisões fundadas na ética, na solidariedade social e na conquista da democracia.

Dessa forma, tanto Cabral quanto Freire eram revolucionários e assim, tinham a plena convicção de que a libertação só era possível por meio da revolução. E isso é ressaltado por Romão e Gadotti (2012, p.15) quando afirmam que:

[...] umas das convergências entre o legado do líder da independência [...] e do educador pernambucano [...] diz respeito a seus conceitos de revolução, não apenas no sentido da luta armada contra o colonizador para a afirmação de uma nacionalidade autônoma e soberana, mas também pela ideia de que nenhum povo, mesmo no período pós-colonial, consegue se livrar de seu colonizador, enquanto não se libertar também de seus referenciais teóricos, de suas premissas, de seus fundamentos e de seus paradigmas, enfim, de sua “Razão”. Ambos [...] conseguiram enxergar a necessidade da libertação cognitiva, da

superação da racionalidade imbricada pela colonialidade; em suma, ambos perceberam que não existe libertação sem a “descolonização das mentes”.

Assim, a revolução é mais do que uma modificação das estruturas sociais, econômicas e políticas, mas também uma transformação do ser humano que foi coisificado pelo processo de dominação, colonização. É o que afirmam Romão e Gadotti (2012, p.21):

Por Revolução, entendemos a transformação estrutural de uma determinada realidade ou concepção, apresentando algumas características específicas, sem as quais ela se confunde com a reforma, com mudanças episódicas ou conjunturais, sem alterar, ou melhor, sem substituir os fundamentos de uma determinada sociedade ou pensamento que sobre ela foi elaborado e instituído.

Em outras palavras, revolução não é reforma, mas uma transformação de consciência não apenas individual, sobretudo coletiva. E isso se realiza inteiramente quando essa revolução vem de uma razão, que é uma razão relacionada à leitura de mundo feita de forma crítica pelos grupos sociais oprimidos a qual é denominada de Razão Revolucionária.

Logo, uma práxis é revolucionária a partir do momento que cria, coletivamente, uma nova ordem social instituída, quando ela reconhece que os diversos lugares de enunciação do conhecimento são importantes e não o consenso. Isto é,

uma Razão se torna Revolucionária quando ela assume um compromisso incondicional com a democracia cognitiva, não apenas no sentido da socialização dos conhecimentos elaborados e acumulados pela humanidade, mas, também, no do reconhecimento de todos os conhecimentos desenvolvidos por todas as formações e por todos os grupos sociais, principalmente, pelas formações e pelos grupos oprimidos (ROMÃO; GADOTTI, 2012, p.23).

Ademais, para Freire, revolução é um fato histórico conduzido por sujeitos humanos e não super-homens e que só é possível com a aliança das vanguardas (lideranças) e das bases (povo). Em que as lideranças e o povo são os sujeitos revolucionários.

No processo de revolução é necessário que o povo se torne sujeito consciente da transformação, que comparece à história como ator pensante e livre. E esse tornar-se consciente se faz mediante uma educação libertadora ou emancipadora promovida por “sujeitos educadores comprometidos com a transformação dos educandos em sujeitos do seu conhecimento e da transformação social (ROMÃO; GADOTTI, 2012, p.36)”.

É importante lembrar que a revolução também está relacionada a uma ação cultural por meio da qual se enfrenta a cultura dominante. E que se plenifica na revolução cultural. No dizer de Freire (1982, p. 54 apud ROMÃO; GADOTTI, 2012, p. 38):

Os oprimidos precisam expulsar os opressores não apenas enquanto presenças físicas, mas também enquanto sombras míticas, introjetadas neles. A ação cultural e a revolução cultural, em diferentes momentos do processo de libertação, que é permanente, facilitam esta extrojeção.

Ação cultural e revolução cultural fazem parte do processo de libertação, onde aquela diz respeito à oposição às classes dominantes e que se inicia com a união entre lideranças e liderados e essa se dá com a revolução no poder.

No processo de libertação das pessoas, das classes e dos povos, tanto revolução quanto conscientização são processos permanentes. Tanto que Freire (1982, apud ROMÃO; GADOTTI, 2012, p. 42) afirma que:

é um processo [de conscientização] tão permanente quanto a revolução, que só para mentalidades mecanicistas cessa com a chegada ao poder. E é precisamente neste momento que muitos de seus mais sérios problemas começam e que algumas ameaças a espreitam, entre elas, a burocracia esclerosante.

Em outras palavras, é só para uma mentalidade mecanicista que esses processos são dados como finalizados. Para sujeitos revolucionários, é no poder que conscientização e revolução se fazem ainda mais presentes. Por isso que a educação necessária à revolução não pode ser desenvolvida pelas classes dominantes e nem por uma educação bancária.

Freire nos alerta que “tomada de consciência” não pode ser confundida com conscientização, uma vez que “tomar consciência” se refere ao primeiro momento de aproximação dos seres humanos à realidade objetivada, mas não analisada criticamente. O que é apenas uma experimentação superficial daquilo que seja real, verdadeiro que conduz a uma apreensão ingênua da realidade. De acordo Romão; Gadotti (2012, p.51):

A conscientização, além de ser um posicionamento crítico diante da realidade, no qual “a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1979a, p. 26), ela só se concretiza na práxis que, segundo Paulo Freire, é a realização do “ato ação-reflexão [...] unidade dialética [que] constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” (FREIRE, 1979a, p. 26). Poder-

-se-ia acrescentar que a conscientização é o conhecimento legítimo, porque sua legitimidade científica é dada pela origem na realidade e sua legitimidade política é construída no retorno mais qualificado às intervenções na realidade para transformá-la de maneira mais lúcida (por isso, eficaz), mais oportuna (historicamente) e mais justa.

3. FREIRE E CABRAL: EDUCADORES DA EMANCIPAÇÃO, DA DESCOLONIZAÇÃO DAS MENTES E DOS CORAÇÕES

Cabral não era apenas líder da independência, mas também era humanista, pedagogo e educador da revolução. E por isso, ele via no conhecimento a arma para a compreensão e a transformação da realidade política, social e cultural. Para tanto, realizou uma ação educativa e formativa baseada na teoria, na educação e na cultura como meio para a libertação e criação de uma nova sociedade. Logo, era contra o ensino colonial e defendia um novo paradigma educacional, ou seja, a educação tinha de ser emancipatória, humanista e progressista. Ou seja, era a favor de uma aprendizagem multifacetada, aliando conhecimento experiencial, a aprendizagem social, o saber científico e a aprendizagem ao longo da vida.

“Aprender na vida, aprender junto do nosso povo, aprender nos livros e nas experiências dos outros. Aprender sempre” (CABRAL, 1974), são ideias cabralista que mostram um discurso educacional revolucionário e emancipador.

Cabral dava muito valor à cultura, pois a via como “um elemento essencial da história que [...] tem como base material o nível as forças produtivas e o modo de produção” (CABRAL, 1976, p. 224). Além disso, para ele, a cultura era uma forma de resistência no sentido de preservar os valores culturais nacionais, mas não negava abertura à cultura universal e ao conhecimento científico.

Cabe notar que de acordo com o novo paradigma educacional defendido por ele, a tarefa de educar não era uma responsabilidade apenas das escolas, mas de todos. Tanto que traçou estratégias de alfabetização de adultos por meio da criação de uma rede colaborativa, onde “todos que sabem devem ensinar aos que não sabem” (CABRAL, 1974, p.50). E que assim, a luta pela independência e o progresso só poderiam ter sucesso por meio da educação que se fundamenta na práxis. E para isso, ele criava condições para que a cultura e o saber fossem acessíveis a todos por meio da leitura.

Freire foi um notável pedagogo, pois não era um pedagogo no sentido de apenas ensinar algo, e sim de transformar e ser transformado pela educação. E suas experiências na África foram decisivas para uma mudança

radical em sua pedagogia, a qual passou a ter forte conotação política. Segundo Scocuglia (p.15),

parece-nos necessário reafirmar o significado e a potência do *saber-da-experiência-feita* adquirido por Paulo Freire nos trabalhos africanos dos anos 1970. Também é relevante a influência dos escritos de Amílcar Cabral e, com eles, a “descoberta” das teses de Gramsci encampadas em seu discurso. Freire nunca foi o mesmo depois de trabalhar na África. A robustez das raízes reconstruídas da sua práxis parecem fortalecidas com a seiva daquilo que os marxismos caracterizaram como infra e superestrutura.

Freire colaborou ativamente para a autoafirmação dos dois países nascidos da luta do PAIGC e estava convencido de que somente com a educação era possível a plena afirmação da própria soberania desses países libertados. Foram as experiências na zona rural e nas periferias urbanas as fontes inspiradoras para a transformação de sua teoria educacional em uma teoria da emancipação, que passou a ser entendida como um ato político, ato produtivo e ato de conhecimento. Assim sendo, ele associou processo de alfabetização ao processo produtivo, bem como o papel da “pós-alfabetização”⁵ para dar continuidade ao processo produtivo.

Essa associação do processo de alfabetização ao processo produtivo aconteceu devido ao contato com o materialismo-dialético presente na práxis de Cabral, o que possibilitou a Freire reformular sua pedagogia para uma dimensão política.

Em Cabral podia se perceber claramente a influência de Gramsci na organização do Partido e na definição do que deveria ser o seu conteúdo revolucionário ou conservador. E isso se refletia nas palavras de ordem de Cabral: “esperar o melhor, mas se preparar para o pior”.

Dessa forma, tanto Cabral quanto Freire convergiram na ação educacional a que se propuseram. Ambos eram “teóricos-ativistas-praxistas” e “localistas” (ROMÃO; GADOTTI, 2012, p.32). Ou seja, para eles era muito importante a precedência da prática sobre a teoria e também a leitura da realidade cotidiana para que o conhecimento fosse válido e legítimo. Professavam a autonomia e o diálogo como necessários para uma educação emancipadora.

⁵ Um momento superior da alfabetização; após a alfabetização, que é o domínio da escrita, da leitura e do cálculo matemático, seria promovida a pós-alfabetização para a consolidação desses domínios e o desenvolvimento da capacidade de análise crítica da realidade.

Ambos tinham o amor e a esperança como guia da violência dos oprimidos e atribuíam à educação e à cultura um papel fundamental no processo revolucionário e humanizador porque sabiam distinguir a violência dos opressores da violência dos oprimidos: “a daqueles é exercida para preservar a violência, implícita na exploração, na dominação. A dos últimos, para suprimir a violência, através da transformação revolucionária da realidade que a possibilita” (FREIRE, 1977, p.37 apud GADOTTI, p.14).

Reconheciam que a luta dos trabalhadores e dos militantes, ontem como hoje, é uma escola de formação política em que a luta é pedagógica. Dessa forma, os movimentos sociais têm uma rica cultura fundada na experiência e as lideranças populares formam-se na luta, no trabalho, e nessa luta e trabalho que produzem conhecimento, conhecimento transformador, saberes emancipadores. Logo, a escola da luta não exclui a escola da teoria: são escolas complementares.

Também ambos eram convictos que o mundo não é, “está sendo”. Assim, o “ser” não é uma estrutura, mas um processo, e, no caso do “ser” humano, o processo é mais claro, na medida em que homens e mulheres constituem uma permanente tensão entre o “ser” e o querer “ser mais”. E na buscar de “ser mais”, o humano deixa de ser humano para ser objeto, mercadoria nas mãos dos opressores.

Portanto, lutaram em prol de uma sociedade assentada no ideário da liberdade e da dignidade da pessoa humana, do progresso solidário e da justiça social, para cuja construção concorrem, de forma decisiva, a educação e a formação.

CONCLUSÃO

Cabral e Freire foram educadores da libertação, e nesse educar, a maior convergência de todas que se pode notar neles é que não usavam apenas o conhecimento, a experiência, a práxis, a educação, a cultura como “armas” no processo de emancipação do homem. Mas sim, o coração. Eles conseguiram sentir, enxergar, vivenciar e lutar contra desumanização do homem. E nesse sentir conseguiram a partir do conhecimento científico e da leitura que faziam da realidade propor um novo paradigma educacional.

Nesse novo paradigma educacional defendiam uma educação democrática e comprometida com a emancipação social. Uma educação que libertasse não só a mente e os corações daqueles que eram oprimidos, mas também dos opressores, pois do que adiantava libertar os oprimidos para que se tornassem opressores, ou mais desumanos do que aqueles que os oprimiam?!

O ser humano com a colonização tornou-se desumano e passou a enxergar tudo como objeto, mercadoria. Era preciso, assim, por meio de uma educação libertadora fazer o homem enxergar o outro como humano, onde o bem do outro e também o bem dele; ou seja, promover uma pedagogia humanista que luta pela humanização do ser humano pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, o que só é possível pela práxis libertadora.

Convém lembrar que essa pedagogia humanista foi possível em Freire por causa das experiências dele na África que, envolvido na reconstrução nacional desse país, percebeu como o sistema econômico era desumanizador. Assim, o trabalho na África ampliou sua visão de “libertação” e, portanto, de educação.

Outro ponto de mudança na pedagogia de Freire foi a inclusão de conceitos materialista-dialético em sua ação educacional. Como afirma Scocuglia (apud ROMÃO; GADOTTI, 2012, p.58) foi com as experiências na África que Freire congregou em seu pensamento a categorias analíticas marxistas socioeconômicas e assumiu que “as reinvenções da sociedade e da educação passam, necessariamente, pela transformação do processo produtivo e de todas as relações implicadas neste processo”. No entanto, a incorporação dessas categorias, como o papel da estrutura na formação da consciência, não minimizou o papel do sujeito na história em seu pensamento.

Segundo Romão e Gadotti (2012, p.104) há muitas concepções de educação, mas elas podem ser domesticadoras ou emancipadoras e todos os seres humanos necessitam de uma educação que desenvolva plenamente todas suas capacidades, o que só é possível por meio de uma educação emancipadora.

Ademais, a educação não é “um empreendimento neutro”, nem a escola é “um espelho passivo”, ela é “um terreno de controvérsias e lutas” (APPLE, 1991 apud VARELA, p.14). Há dois caminhos a escolher: um da dominação, da opressão, do controle e outro da emancipação e da promoção integral do homem. Tanto Cabral como Freire sabiam disso e optaram pelo último, pois somente este pode promover a libertação, a descolonização das mentes.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Amílcar. **A arma da teoria: unidade e luta 1**. Capítulo 8-A cultura nacional. Lisboa: Serra Nova, 1976.

CORREIA, Pedro de Pezarat. **Amílcar Cabral, o combatente da libertação colonial e o cidadão africano**. Portugal: Universidade do Porto/Centro de Estudos africanos, 2007/2008.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: notas sobre o encontro da pedagogia freiriana com a práxis política de Amílcar Cabral**. Disponível em: <http://forum.unifreire.org/forumpaulofreire2010/files/2012/09/Comunicado_do_Gadotti.pdf>. Acesso dez. 2017.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A influência de Amílcar Cabral e do trabalho na África na construção da práxis de Paulo Freire**. UFPB. Disponível em: <<http://kabuverdianu.blogs.sapo.cv/47358.html>>. Acesso dez. 2017.

VARELA, Bartolomeu. **A educação, o conhecimento e a cultura na práxis de libertação nacional de Amílcar Cabral**. Disponível em: <<https://bartvarela.files.wordpress.com/2012/01/a-educac3a7c3a3o-o-conhecimento-e-a-cultura-na-praxis-de-libertac3a7c3a3o-de-amilcar-cabral2.pdf>>. Acesso dez. 2017.